

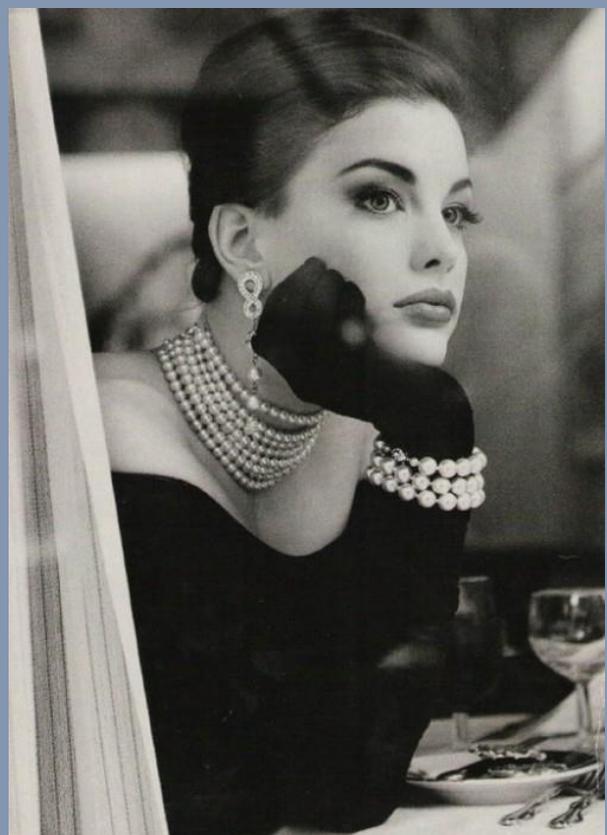
## Preconceito e Moda, por LADY LI\*

Quando carregar uma marca, significa muito:

“Mãe, eu só uso marca, sou skatista profissional! Eu faço a minha moda”...

diz minha filha que desde os treze aderiu àquelas calças enormes que se vê por aí nas traseiras dos meninos rapeiros e skatistas. E agora? Mini-saia, tomara-que-caia, vestidinho, tubinhos, mesmo sendo de marca: “não é o meu estilo... eu só uso marca de skatista..”, diz, pacientemente.

“Mini-saia”, aconselhavam os psicólogos da época, “você não é obrigada a usar, ... “não se agrida”... “só use se se sentir bem”... Muitas ficavam puxando a saia querendo cobrir o pudor.... Alguém se lembra? Eu não puxava nada. Não tinha o que puxar... Umas das minhas mini-saias, nunca me esqueço, era um vestidinho aberto nas costas, abotoado somente até a cintura, complementado por uma fofoca com o desenho de um coração... Lindo! Eu achava lindo! Eu não via nada de erótico, escandaloso, imoral... Era simplesmente moda e pronto. Sou uma daquelas que inaugurou a calça cocota (calça baixa) na Universidade. Escândalo total. Pois é, a revolução da moda combinada com a quebra de preconceitos. Sou dessa geração, não interessava o que os outros estivessem pensando, sentindo. Hoje, tentando resgatar a essência da cultura hippie, mãe-solteira, dois filhos, me confrontei com um “problema” vestindo uma roupa rota de vanguarda. Sentindo-me da turma de Raul Seixas, repetia: “eu nasci há dez mil anos atrás... e não tem nada nesse mundo que eu não saiba demais...” “Ok, olhe!”... “uma sainha de marca na loja de skate”... exclamo, toda sorridente. “ Não, mãe, meninas que usam isso não são skatistas, elas só querem estar usando a moda de skatistas...” Que horror, justo a minha filha! Desnecessário contar as caras e comentários dos desconhecidos que traduzem o que os parentes, amigos e conhecidos pensam mas não têm coragem de dizer : “é menino ou menina?”



## Preconceito e Moda, por LADY LI\*

Preconceito?

Onde estava aquela “hippie” que se julgava vanguarda? Que luta! Tentativas inúteis de suborná-la com promessas e presentes para fazê-la mudar de opinião foram em vão... A vitoriosa ainda é ela... O último presente de aniversário foi levá-la pra participar em uma competição de skate a 700 km daqui... Eu fui toda prosa com um tênis (dela) vermelho, lindo, da Savier. Vocês conhecem? Até o irmão que dizia “mãe sem pulso, sem controle, menina não é educada assim”, e outros comentários desagradáveis sobre o comportamento dos skatistas, ficou encantado com uma calça marrom da Ezekiel (aqui pra nós, LINDA!) e pediu discretamente a ela para comprar uma igualzinha pra ele... Na hora de experimentar foi um suspense: ele vestiu a calça e o gancho ficou um pouco caído... que tristeza no olhar dele... “não, assim não posso usar, tô acostumado com o gancho no lugar”... balbuciou. Pois é, aderimos. Paramos de criticar... Ela fincou a sua bandeira... Levar uma marca deixa você segura, acreditando em si mesma, a presença impõe. Foi assim o início: uma “franchising” da Titus, Alemanha, em Augsburg, (loja de roupas de marca para “Skate” e “Snow-Boarding”), após testá-la skatando, ofereceu o patrocínio, pra felicidade dela e minha... (“que economia”, comentei...)

Assim são os skatistas: vão chegando em bandos nessas lojas, decididos e determinados, com a grana no bolso, (raramente uma menina). Entram na loja, escolhem e compram... Já sabem o que querem, não interessa o preço. Abrir uma loja pra vender moda de skate pode ser melhor que restaurantes, bares, fast food. Os skatistas se esquecem que tem que comer quando estão “pulando”, mas sempre estão comprando.



## Preconceito e Moda, por LADY LI

Que o digam os que vendem roupas e tênis da Osiris, Carhartt, ES, DVS, Emerica, Etnies, Savier, Volcom, entre outros. É negócio seguro... pelo menos na Alemanha. Moda e preconceito não combinam, mas andam juntos, de mãos dadas. E a moda que se impõe é aquela que se cobre com uma marca imponente, respeitada, não interessa o que você pense... A marca ajuda a fincar bandeiras em uma conquista. Acreditar na filosofia hippie dava segurança, dava força, coragem para ser diferente. Cheguei a crer que os nossos filhos e netos não teriam mais o que criar, inventar, quebrar e mudar. E agora vem a minha filha

me mostrar que, sem ter muitas opções, encontrou também a sua particularidade, a sua individualidade, mesmo tendo uma mãe que quase a convenceu de sair da sua meta: ser uma skatista profissional... Acreditar em uma marca não vai mudar o seu comportamento, nem deixar você alienada, insegura, ao contrário, levar uma marca lhe deixa firme, com objetivos claros. Para ela, pasmem, excelente na escola, a certeza de que um dia uma marca lhe descubra e patrocine é absolutamente irrefutável. “É o meu sonho, mãe...” “Posso ajudar a fazer um book, contratar um profissional para as fotos e enviar para as grandes marcas, sugerir venda de produtos de skatistas direcionada para meninas que usam a marca com classe”... intrometo-me. “Não se meta, mãe! Você só pensa no dinheiro!”... retruca ela. Ups! Raul Seixas! Onde está aquela “hippie” de vanguarda?

**\*LADY LI tem fez mestrado em Linguística e Psicologia Educacional e curso de Moda em Milão**

